

FORMAS DE ENTERRAMENTO E RITOS FUNERÁRIOS ENTRE AS POPULAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS

Ítala Irene Basile Becker*

RESUMO: Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas do Rio Grande do Sul, objetiva mostrar esses aspectos partindo das idéias de religião e/ou crença entre populações.

Baseados na Arqueologia e Etno-História, mostramos que esses aspectos são bem distintos entre os Kaingáng, Charrua Minuano e Guarani. As diferenças partem do próprio conceito de morte, que fosse ela causada por fenômenos naturais, guerras inter-tribais, guerras resultantes do contato com o colonizador, epidemias e outros percalços sofridos pela fricção constante, dos séculos XVI ao XIX e/ou XX. Um maior peso diferencial recai sobre o luto e seus ritos em decorrência do *status* dos indivíduos.

Formas de enterramento e ritos funerários revelam, nas populações pré-históricas, um aspecto importantíssimo da Religião. Por isso, poderia cair todo o preconceito de um Homem sem religião. Seria inadmissível ver aspectos da cultura material e da cultura espiritual senão como um conjunto complexo na vida concreta da Humanidade.

Repensando que a Religião é um fenômeno moral, a expressão espiritual de uma cultura não pode chegar a nós apenas como forma tangível; por isso, a Religião utiliza como meios de expressão material os objetos de culto, oferendas, templos, etc. Esses objetos, às vezes simples oferendas em seu todo material e/ou artísticas, são subsídios valiosos para uma provável interpretação da cultura dos mais diferentes povos nos mais distintos níveis de desenvolvimento. Inegáveis são as manifestações artísticas do Homem paleolítico assim como a busca de outros elementos de suas manifestações materiais. Voltando no tempo e no espaço, encontramos os primeiros indícios da preocupação

* UNISINOS. Bolsista do CNPq.

humana em proteger ou preservar seus mortos em enterramentos, possível prova, às vezes, de crença na vida além túmulo. São manifestações autênticas da Religião que extrapolam ao eminentemente material, ainda que às vezes de cunho circunstancial sócio-político.

Desnecessário é reforçar que todas as manifestações ou preocupações, do Homem pré-histórico ao contemporâneo, com relação aos mortos, podem e devem ser vistas como “Religião” independente de culturas. Nesse sentido ressaltamos a preocupação humana, não apenas como Religião, mas nas formas correlatas como o *enterramento* e os *ritos funerários*. As primeiras atitudes de cunho religioso com relação à morte nos põem em frente a um Homem paleolítico que, ao tomar conhecimento da morte, sente-se inoperante e estupefato ao ver cair inerte diante de si, talvez um companheiro de caça ou qualquer membro de sua tribo. O modo de tratar os mortos e as circunstâncias que antecedem a preservação dos mesmos, revelam suas reações e preocupações como uma experiência inexplicável mas conscientes da morte.

Perquirindo no tempo, desde os numerosos fósseis de Chou-Kou-tien, mesmo não existindo condições afiançáveis de serem enterramentos, resta a hipótese de que os crânios e mandíbulas do Homem de Pequim teriam forte significado ritual. Avançando pouco mais, e de modo especial para a Europa, temos a continuidade do problema que parece ceder ante o Homem de Neanderthal com suas formas originais de enterramentos e oferendas funerárias. Desde aquele então, Paleolítico médio, é possível afiançar que a preocupação humana com o enterramento e todo o ritual ligado tem continuidade. Eles chegam aos nossos dias com um aparato inicial que envolveu e sobre o qual seria por demais extenso discorrer.

Para as populações pré-históricas do Rio Grande do Sul mostramos essas preocupações usando a Etno-história com uma breve indicação da Arqueologia. As populações indígenas do Estado, campo central do estudo, são os Kaingáng do Planalto meridional, os Charrua e Minuano dos campos fronteiriços do sudeste e sudoeste e os Guarani dos vales e encostas dos grandes rios e proximidades lagunares atlânticas. Elas constituem monografias publicadas em 1976, 1984 e 1992. Apresentam formas de enterramento e ritos funerários com diferenças: no enterramento, em razão do tipo de morte; do *status* do morto na sociedade; dos antecedentes da morte e preparo do corpo; da prática

de sepultamento e exumação; da preservação do indivíduo pela exumação; dos costumes de luto e reajustes depois da morte e dos ritos fúnebres anuais com implicações sócio-políticas.

Como os três grupos têm características culturais distintas, o esquema fundamental elaborado, às vezes não funciona em sua totalidade. Às características culturais se devem somar as formas de conquista e colonização, às quais foram submetidas as três etnias. Os Kaingáng do Planalto entraram em contato permanente com o colonizador alemão a partir de 1829, por espaço de tempo e área pequenos; os Charua e Minuano dos Campos fronteiriços, com extensão para o Uruguaçu e Argentina também em contato permanente, do século XVI ao XIX com o colonizador luso-espanhol, enquanto os Guarani foram contactados desde inícios do século XVI nas cinco áreas de missão e redução. Somem-se a estes aspectos as variações decorrentes dos sistemas de conquista e/ou colonização.

Em decorrência desses aspectos, os três grupos tiveram um tratamento diferente nas monografias citadas. Por essa razão este estudo apresenta, até certo ponto, formulações distintas ainda que tentemos uma certa unidade. Procuramos facilitar a leitura e apreciação de alguns conteúdos, como os cerimoniais de enterramento e velório para os quais temos mais informações. Ficam, porém, bastante claros os distintos tipos de morte nas três populações. De um modo geral podemos destacar: morte natural; mortes por guerra; mortes por castigos vários; mortes por homicídio e suicídio e outros tipos de morte que arrolamos por grupos.

Kaingáng — Neste grupo, o conceito de morte nos parece mais diferenciado que nos outros dois. Os distintos tipos de morte são mais presentes e também mais explicitados.

Morte natural — É admitida como um fato normal. Baseia-se na crença animista ligada a fenômenos naturais de grande influência nos diversos aspectos de sua vida. O trovão, o raio, os gritos de certos animais e aves, principalmente da coruja, são indicadores da morte. Ela pode decorrer também da picadura de insetos ou mordidas de cobras. Consideramos também aqui as epidemias, de modo especial no contato e pós contato. A varíola, a gripe e outras afecções das vias respiratórias são as mais comuns como se registram para 1864, 1919 e 1957.

O banho do recém-nascido, em água corrente de arroio próximo ao toldo,

responde pela mortalidade natural infantil. Estimam-se em 50% para o sexo masculino e 70% para o feminino os mortos na primeira idade. Incluem-se também, a eliminação de crianças portadoras de deficiências físicas. Quando gêmeos, permanecia vivo o que tivesse melhores condições de sobrevivência.

Morte por guerra — A quebra do relacionamento inter e extra-grupal por motivos vários leva ao que consideramos “guerra”. Em primeiro lugar recordamos os motivos referentes à segurança do grupo. O antagonismo entre parcelas, a luta pela subsistência, a vingança por ofensas, o ultraje a liberdade, o desrespeito por certos princípios éticos, ligados à organização social e política, levam os Kaingáng à guerras, às vezes, ao extermínio grupal.

O antagonismo na tribo é quiçás o maior responsável pelas mortes no grupo. Exemplifique-se, entre muitos casos, com a Tribo do Cacique principal Braga e suas 23 tribos, na região do atual município de Vacaria, totalizando 700 indivíduos dos quais restaram 304 pessoas de ambos os sexos incluindo crianças e velhos.

Nada se sabe porém sobre o sepultamento de tantos indivíduos. A comprovação arqueológica desse fato nos é dada mui sutilmente, por Mabilde ao reencontrar, em 1850, parte do grupo irreconciliável.

Como mortos de guerra também podem ser considerados os inimigos que caem vivos em combate e logo são mortos.

A luta pela sobrevivência, consistindo na invasão dos pinheirais, em tempos de colheita do fruto, motiva a guerra de extermínio, na qual todas as demais tribos se coligam contra a invasora, salvo casos excepcionais. O mesmo fato responde pela guerra extra tribal entre Botocudos de Santa Catarina e Kaingáng do Rio Grande do Sul. Os sinais da luta foram documentados também por Mabilde, acompanhado pelo Principal Braga, em 1835. Os sete túmulos de um cemitério guardavam os restos dos mortos desse encontro, quando seu pai era também cacique principal.

Para vingar uma ofensa, entre as muitas formas em que se apresentam, ressaltamos apenas uma de conjuntura sócio-política; é a interrupção de visitas obrigatórias com normas e alternativas bem definidas. São visitas de tribos subordinadas entre si e destas com a tribo do Cacique principal. A interrupção das mesmas, sem motivos expressos, leva à guerra de conseqüências imprevisíveis. Sendo a guerra quase uma constante no grupo Kaingáng, são incalculáveis as baixas por morte. (Ver B. BECKER, 1976:287 ss)

Morte por castigos vários — A desobediência ao cacique principal e/ou subordinado, sofre o repúdio de todo o grupo. Obrigado a viver fora do contexto tribal, o faltoso é cumulado de obrigações impróprias a seu sexo. Isso geralmente resulta em altercações e lutas com a morte do desobediente, que tem contra si os indivíduos de sua tribo e das demais. Sua pena, porém, não se resume na morte; ela é antecipada pela entrega de sua mulher, pelo cacique principal, a outro indivíduo do grupo antes de abandonar a aldeia.

As simples obrigações femininas impostas como castigo, a indivíduos do sexo oposto, terminam com a morte do faltoso por golpes de “varapau”, por determinação do cacique principal.

A infidelidade conjugal, apesar de toda a liberdade permitida no grupo, resulta, a nosso ver, no modo mais cruel de escárnio e morte. A pena imposta, consiste em que os adúlteros, mulher e homem, atados a uma árvore, um ao lado do outro, são mortos a flechadas. Reúnem-se todas as tribos para presenciarem a execução, quando em presença de todos, lança-se em rosto aos condenados o crime que cometeram, tendo de reconhecer como merecido e justo o castigo que vão receber. Segue-se a punição, sendo as flechadas atiradas pelos homens mais moços da tribo a que ambos pertencem e com as flechas do condenado. Depois de mortos os adúlteros ficam atados e aí expostos até o dia seguinte, quando pela manhã cedo, e na presença de todas as tribos, o ofendido pelo adultério é encarregado de retirar as flechas dos corpos dos executados. Em seguida as mesmas são queimadas em frente aos corpos, que, desligados da árvore, são arrastados para o lugar do enterramento. Durante o trajeto ainda se lança em rosto aos mortos, a infâmia do crime que cometeram. (Ver op. cit.:122)

Morte por homicídio e suicídio — Parece desconhecida entre os Kaingáng. É comum, no entanto, eliminarem pela morte as crianças nascidas com deficiências físicas, como comentamos. Também as crianças resultantes de ligações com brancos são eliminadas mesmo antes do nascimento. (Ver op. cit.:119-120-236)

Antecedentes da morte e o preparo do corpo — A morte no grupo Kaingáng é motivo de grande preocupação. Os cuidados em aliviar o sofrimento dos doentes ou moribundos, mesmo decorrente de tabus e/ou por solidariedade, são levados muitíssimo a sério e na proporção do *status* do indivíduo. Essa preocupação poderia advir dos poucos recursos de que dispõem, havendo grande simpatia de parte dos vizinhos, que procuram curar o enfermo com sua medicina própria.

As atitudes de abrandamento são as mais exóticas possíveis como, retirar os moribundos da cabana para que não morram nela. Nos casos de epidemia, afastam seus ranchos do local infectado e, em caso de morte, queimam as choupanas do ou dos indivíduos mortos, abandonando a região. Outras vezes, para aliviar o sofrimento de um companheiro em agonia, simplesmente desferem um golpe de varapau na cabeça, certos de que assim descansará. Quando mulheres, esperam pela morte sem qualquer interferência. (Ver op. cit.:258, 250, 253) Estando o doente em transe de morte, sem qualquer esperança, o choro e o soluço acompanham o desenlace. Continuam essas manifestações, cada vez mais ululantes prolongando-se noite a dentro. Nos ranchos contíguos, as manifestações são semelhantes e chegam ao máximo na casa do irmão do morto, onde se concentram desordenadamente umas cinquenta pessoas.

Tratando-se do cacique principal diferem as manifestações. São também diferentes as manifestações para as mulheres do cacique, ou certas mulheres mais idosas, assim como para o cacique subordinado.

O ritual de preparação do corpo é também decorrente do *status* do indivíduo e intimamente relacionado ao velório e sepultamento; por essa razão não o tratamos neste item.

Cerimônias do velório e do enterramento — O enterramento e seu ritual, para os Kaingáng mortos de “morte natural”, eram às vezes muito simples. Eram feitos

no cemitério que, segundo a tradição antiga, seria um para cada aldeia. Nele os mortos eram enterrados numa vala aberta ex-professo. A esse enterramento sob o solo davam forma piramidal, resultante do amontoado de terra ou de terra e pedras. Resultava num montículo, no qual colocavam, à cabeceira, uma vasilha com água para que o morto saciasse a sede e, na extremidade oposta, um fogo lento alimentado pelos parentes do mesmo. Assim estaria livre do incômodo das moscas.

Túmulos de formato piramidal, sem restos humanos, foram encontrados em aldeias com as Estruturas subterrâneas, assim como estruturas de pedra sob a forma de nichos, que pareceriam sepulturas individuais.

Os Kaingáng antigos eram sepultados envoltos numa esteira, a 12 palmos de profundidade, com um cerimonial não descrito pelo autor.

Ao que morria distante da aldeia, os companheiros sepultavam no local, mas guardavam a cabeça num vaso. Ao retornarem à casa celebravam uma cerimônia fúnebre e enterravam a cabeça no cemitério da comunidade. Os Kaingáng jamais deixavam insepultos seus mortos. Aos caídos na guerra nunca abandonavam ao inimigo. Todo o cuidado se resumia em recolher o cadáver e lhe dar sepultura, em lugar não muito distante do toldo. No centro de uma pequena fossa, escorada por paus, depositavam o corpo, cobrindo-o com terra a uma altura visível; assim apareciam tantos montículos quantas fossem as sepulturas. A terra acumulada não era a mesma da escavação da fossa, por qualificarem de crueldade a forma como nós enterramos nossos mortos.

Informação generalizada de Métraux, para os Kaingáng “atuais”, sem especificação do tipo de morte, diz que os mortos eram enterrados com os joelhos dobrados. Durante e após a transladação do corpo para a sepultura, entoavam cânticos fúnebres ao redor do mesmo. Esse enterramento teria a comprovação arqueológica num cemitério onde foram encontrados dois túmulos de regular tamanho circundados por valetas com paredes verticais. Os mesmos túmulos são indicados para os antigos Guayaná, do século XVIII. O cadáver, com os pertences fúnebres, era colocado na cova profunda, coberto com folhas de palmeira e acrescentando terra.

Para época mais recente, o respeito pelos mortos e o enterramento são notórios mesmo em situações de conflito. Nesses casos, as tribos inimigas respeitam aquela que se ocupa em sepultar os seus mortos, razão porque nos enterros aparecem desarmados. Essa mesma atitude é dispensada aos inimigos que são sepultados juntos em “buracos” feitos longe de suas moradias. Registram-se vários casos para enterramentos coletivos, em situações de guerra. Os feridos de guerra também não eram abandonados, mas levados para morrerem em sua aldeia, onde eram enterrados.

O cerimonial de preparação, velório e enterramento diferem de acordo com o *status*. Para o cacique principal reveste-se de grande pompa, decorrente de seu *status* máximo. Desde o momento em que expira, todos os chefes subordinados são avisados por uma de suas mulheres mais velhas. Estes reúnem imediatamente todos os homens de suas tribos e, armados de varapau, dão início ao cerimonial de velório, permitindo que entrem no rancho apenas as mulheres e filhos do morto. Depois de o rancho estar guardado pelos homens, armados de varapau, tem início pelos filhos

mais velhos do cacique a armação de um jirau, feito com 4 forquilhas de árvore e varas de taquara trazidas da mata. O jirau, armado no meio do rancho e no lugar onde morreu o Principal, não excede a 10 palmos de comprimento por três de largura. Deve ficar no máximo a 2 palmos do chão.

Terminada sua confecção, que em casos excepcionais pode ser feita por parentes mais próximos, as mulheres do cacique colocam o corpo do morto sobre o mesmo, em grande silêncio. Apagam-se todos os fogos existentes no rancho, ficando apenas dois, um à cabeceira e o outro aos pés. Segue-se o velório, que consiste na permanência de todas as pessoas da família ao redor do fogo, sem dormir, até o clarear de novo dia. Permanecem também em vigília os indivíduos que formam a guarda exterior do rancho. Para estes cerimoniais riquíssimos e de grande implicação sócio-política ver B. BECKER, 1976, cap. XII.

O enterramento de um cacique subordinado se realiza no mesmo cemitério onde foi sepultado o principal, mas com um cerimonial bem mais simples. Com relação aos demais membros do grupo, indistintamente, o ritual é o mesmo dispensado ao cacique subordinado, sem os gritos lúgubres. Algumas distinções se fazem para as mulheres que pertenceram ao cacique principal e se resumem nos gritos fúnebres e na presença dos indivíduos que se acham sob a chefia imediata do cacique principal. Para os tempos atuais, são poucas as informações porém revelam um ritual bem peculiar e eclético.

Com relação aos mortos na guerra existem algumas diferenças de acordo com a condição do morto. Sendo companheiros, eram sepultados em túmulo individual e da mesma forma que o cacique. Sendo inimigos, eram enterrados juntos em covas abertas longe de suas moradas.

Independente do tipo de morte, parece existir, bem marcadamente, a crença na imortalidade da alma e na conversão desta em demônio - *Vaicupli*. Este aspecto é claro no cerimonial de enterro quando, antes do mesmo, o pajé, à medida que sacode o seu maracá em torno do cadáver, avisa a alma a respeito dos perigos ocultos do outro mundo. Esclarece que ela chegará a dois caminhos: um a levará para uma gigantesca teia de aranha enquanto o outro a precipitará num caldeirão fervente. Também indica à alma, um caminho escorregadio, do qual ela poderá cair num pântano, onde a espera um grande caranguejo. *Mas finalmente a alma chega a um submundo do oeste, onde é dia durante a nossa noite, e onde as florestas estão cheias de tapires, veados e outra caça. As almas dos velhos tornam-se moças novamente e vivem durante o tempo de uma vida humana. Após uma segunda morte, a alma transforma-se num pequeno inseto, geralmente um mosquito ou uma formiga, com cuja morte termina tudo; por essa razão os kaingáng nunca matam esses insetos.*

O luto e os rituais respectivos — Entre os kaingáng, o luto e os rituais pertinentes estão em sintonia com o tipo de morte e o *status* dos indivíduos. Como ritual de luto, teríamos a manutenção do fogo aceso junto da sepultura por ocasião do enterramento. Era alimentado dia a dia pelos parentes do morto, indistintamente. Para os enterramentos referidos por Métraux, o luto se expressa na renovação da terra da sepultura para um ritual em memória do falecido. Este rito consiste em lamentos,

danças e beberagens. Por vários anos, ao nascer e por do sol, os parentes da pessoa morta proferem lamentações fúnebres. Outras manifestações mais simples de luto se referem apenas ao corte do cabelo. Para os chefes mortos em luta, além das diversas formas de enterramento, são comuns as festas para a transladação dos ossos. Constituem-se em danças e orgias provocadas pela bebida fermentada de milho. Manchas sobre túmulos comprovam esse ritual de luto.

Pelo que se pode captar, o *Veingréiny*, o ritual festivo de luto para a transladação dos ossos, é semelhante aos ritos do século XIX e também XX, segundo vários autores. O cerimonial é de grande significação religiosa, social e política. É por ele que se rompem os laços que ligam os vivos aos mortos. Nele também se faz a designação dos indivíduos nascidos numa das metades para os subgrupos de outra, por um homem ou mulher da sua própria minoria. (Ver op.cit.:268 ss)

Para o século atual, ainda que não se possa pensar em termos de hierarquia social, observa-se o costume do luto com rituais próprios. A lembrança dos antepassados é também cultuada num cerimonial ao entardecer de certos dias, quando também os velhos rezam direcionados para o sol nascente; é a “reza dos velhos”.

A prática da exumação e o enterramento secundário — Entre os kaingáng a exumação e o enterramento posterior, poderiam ser considerados como uma forma de preservação do indivíduo. Está ligada, como outros aspectos, ao *status* do mesmo.

Referência única para meados do século XIX fala no costume de desenterrarem os ossos dos chefes, para serem enterrados noutra local. Para isso parecem acompanhar a decomposição das partes moles do cadáver. (Ver op.cit.:266 ss) Acreditamos, em vista dos rituais apresentados, que essa festa ocorreria entre abril e maio, quando o milho está verde e o pinhão maduro e também porque é nessa época que se realizam os outros cerimoniais de culto aos mortos. Pensamos também que, em razão da desordem dos ossos, essa transladação seria uma forma de sepultamento secundário, talvez sob a forma de “pacote funerário”.

Não se tem outra informação, em contrário aos outros grupos estudados. No âmbito arqueológico aparecem sepultamentos, às vezes em desordem, no sítio Virador, escavado por Pedro A. Mentz Ribeiro.

Reajustes depois da morte — As disposições tomadas depois da morte, que chamamos “reajustes”, podem ser decorrentes da organização econômica do grupo em termos de propriedade usufrutuária da terra.

Contamos para este aspecto apenas com duas informações: em caso de morte de um indivíduo, o núcleo da aldeia é abandonado e, de imediato, se constroem novas habitações nas proximidades da mata. Guardam, por três dias, uma espécie de luto, alimentando-se apenas de palmito e milho ferveridos. Ato contínuo destroem parte da propriedade e impõem em severas restrições ao nome do falecido. Entre os kaingáng modernos, aquele que planta uma roça é considerado o seu dono legítimo; se morrer antes da colheita, a mesma é destruída em sua totalidade. Já como forma de reajuste, ou de compensação para com os descendentes dos mortos na guerra, a adoção é a forma usada. Reconhecem como seus os filhos do inimigo morto.

Charrua e Minuano — As informações para a morte, com raríssimas exceções, estão ligadas aos conflitos internos e/ou externos, nos quais foram envolvidos pela conquista luso-espanhola.

Morte natural — Independente de tipo e situações, poderia ser vista como provocada por “um espírito maligno”, ao qual atribuíam suas enfermidades e/ou desastres. Era o *Gualiche*, visto pelos missionários como diabo.

Considerando a medicina caseira e os cuidados referentes ao preparo do corpo, a “morte natural” pode parecer um pouco mais clara. As epidemias resultantes do contato poderiam também ser vistas como morte natural. Teríamos neste conjunto as mortes por mordedura de cobras e outros animais peçonhentos, apesar dos cuidados preventivos.

Morte por guerra — A guerra, de modo especial em defesa do território, é a tônica destes grupos. Em primeiro lembramos as guerras com outros grupos indígenas, como os Chaná e os Guaraní, horticultores em busca de novas terras. Ressaltamos, por seu significado, as guerras contra ou a favor das Coroas envolventes em razão dos interesses de cada uma e do próprio interesse indígena. Tão significativa era a guerra como promoção social, que os homens usavam, como título de maior nobreza, a prática de cicatrizes corporais iguais a tantas facadas quantas mortes tivessem realizado.

São inúmeros esses enfrentamentos que não vêm ao caso assinalar, mas muitíssimos são os índios mortos em combate, para os quais não temos informações sobre o tipo de enterramento, independente do *status*.

Alguns exemplos, aos quais remetemos o leitor, falam mais claro. (Ver B. BECKER, 1984:154-208) Também lembramos o sacrifício de crianças de peito, que por seu choro poderiam atrair o inimigo, ao esconderijo na mata.

Morte por castigos vários — Temos uma só informação que está ligada a problemas de ética e moral. Trata-se da morte de um indivíduo que com seus companheiros matara um cavalo roubado. — Negando-se a desculpar-se, foi morto por seu cacique com um golpe de tacape. (Ver op.cit.:165)

Antecedentes da morte e preparo do corpo — Apenas um caso nos fala no “desenlace” entre os Charrua, quando a família e parentes do morto choram e gritam pelo falecido, sendo rigorosos no luto, conforme o *status*. Entre os mesmos, num paralelo com outros grupos do pampa, lembramos da existência de uma mulher velha encarregada de preparar e sepultar o cadáver.

Cerimônias do velório do enterramento — São raras. Tem-se, porém, como certo o enterramento mesmo em situações de guerra, sem maiores preparos. Sobre o velório não existe mais do que uma referência que tratamos no item luto.

No início da conquista é Lopes de Souza quem nos fala de um cemitério protegido por redes, no qual os mortos estavam enterrados. Sobre as 30 covas achavam-se os seus pertences, peles do vestuário, tacapes, azagaias de pau tostado, redes de pesca e caça.

Entre os Charrua destaca-se o costume do enterramento num cemitério comum,

que encimava um “cerrito”. Sobre a sepultura, sacrificavam seu cavalo de combate, se fora desejo expresso em vida. Entre os Minuano, para o século XIX, consta o enterramento dos mortos nas imediações de um cemitério, perto da aldeia. Ali faziam uma cova de pouca profundidade, onde colocavam o cadáver, cobrindo-o de preferência com pedras. Caso não dispusessem destas, usavam ramos de árvores e terra. Sobre o montículo colocavam as boleadeiras; num lado a lança e no outro, amarrado a uma estaca, deixavam seu cavalo para uma possível viagem que tivesse de realizar. Aspecto que chama atenção para os Charrua e Minuano são as informações quase sempre ligadas ao sexo masculino. A justificativa pode estar no fato de serem os registros para situações de guerra. Não temos informações sobre o enterramento de mulheres. Os mortos em combate eram enterrados no próprio campo de batalha. Eram também enterrados os mortos por causa dos ferimentos de guerra.

O luto e os rituais respectivos — Ao contrário dos kaingáng, o luto e os rituais, para os Charrua e Minuano, estão o mais ligados ao sistema de parentesco, com diferenças marcantes.

Entre os Charrua o luto demonstra com clareza a validade das relações familiares e se exprime de formas bem rigorosas. O marido não faz luto por sua mulher, assim como o pai também não o faz por seus filhos, mas estes, quando adultos, fazem pelos pais um luto bem rigoroso e próprio.

No desenlace, as demonstrações de pesar, traduzidas por gritos e lamentos, são continuadas por manifestações de luto que variam em proporção à situação familiar do indivíduo. Se o morto for o pai, o marido ou o irmão que cumpra as funções de chefe de família, o luto se expressa pela amputação de uma falange da mão pelas viúvas, filhos e irmãos casadas. Esse ritual cruento é seguido por cortes feitos várias vezes com a faca ou lança do próprio morto. As partes do corpo sujeitas a essa demonstração de dor são os braços e o peito até a altura do omoplate. Em continuação, permanecem tristes, por duas luas, em suas casas, alimentando-se pouco. Já os filhos adultos se isolam por 10 ou 12 dias em lugar separado, onde são assistidos por outros moços de seu grupo e fazem uma dieta especial. (Ver op.cit.:132, 152 ss, 258 ss)

Outra demonstração de luto entre as mulheres era o corte das pontas do cabelo, que usavam comprido.

A prática da exumação e o enterro secundário — Poderiam ser vistas pela historiografia entre os Charrua, que costumavam carregar os ossos dos falecidos para onde mudassem os seus toldos. É também frequente a informação sobre a existência de mulheres velhas encarregadas de preparar e sepultar os mortos. (Ver op.cit.:256)

Este aspecto nos parece claro na arqueologia, em área que acreditamos ser dos Minuano. Num mesmo “cerrito”, em Santa Vitória do Palmar, encontramos, na parte liberada da cerâmica, um sepultamento adulto, completo, parecendo do sexo masculino, em posição fetal, totalmente livre de suas carnes. Nas paredes do mesmo, em várias disposições, direcionadas no sentido da cabeça, estavam quatro “pacotes funerários” nos quais se distinguíam partes de crânios entre outros ossos. Encontramos também apenas partes de esqueleto; ossos dos membros inferiores junto a instrumen-

tos típicos, bola de boleadeira e parte de um pequeno machado. Em Rio Grande, não muito distante localizamos dois sepultamentos com características de enterramento secundário. Isso nos permite pensar num tipo de enterramento depois da decomposição das partes moles, podendo ser a exumação também uma das características do grupo.

Reajustes após a morte — Este hábito marcaria presença entre os Charrua e Minuano. Uma única informação para os Charrua dos séculos XVII e XVIII revela que, em caso de morte, os filhos órfãos são entregues a um parente próximo. Na falta deste, a um índio que tenha disponibilidade para criá-los. Outra forma de reajuste seria o referente aos objetos pessoais do morto que, desde os primeiros séculos, o acompanhariam na sua sepultura.

Guarani — Viam a morte como um fenômeno sobrenatural de grande significação animista, pois, o coaxar dos sapos estava ligado à provocação da morte assim como a “magia dos enterradores”.

Morte natural — Poucos são os dados disponíveis para diferenciar a morte natural das demais formas presentes no grupo. Exceção seria a mortalidade infantil antes das Reduções por Missão. Como morte natural poderíamos pensar nas resultantes de enfermidades transportadas pelos colonizadores, para as quais uma terapia própria e excêntrica foi insuficiente. São expressas de modo particular as epidemias de varíola, gripe, diarréias. (Ver B. BECKER, 1992)

Sem especificação de causas, lembramos os que “nas reduções morreram sem alcançar o batismo”.

Morte por guerra — São as mais frequentes, quer pelas guerras entre grupos indígenas, como entre os Guarani e o colonizador luso-espanhol. Elas ocorrem a partir das perseguições iniciadas no Guayrá, século XVI, quando podemos registrar a morte de um índio por golpe de tacape e de 4 caciques por enforcamento. A mesma sorte tiveram no século XVII caciques da região do Caaró. Os mortos resultantes de conflitos nas Reduções, entre índios aldeados e bandeirantes, são quase incontáveis. Casos há em que Caciques das Reduções do Paraguay perdem toda sua gente.

As baixas registradas para as diversas reduções em distintas Frentes Missionárias, como as resultantes do tráfico escravagista, são comprobatórias disso. (Ver op.cit.:44 ss)

Avançando no tempo, 1753-1756, Guerra Guaranítica, registramos, no Combate de Caaybaté, Frente Missionária do Uruguay, a morte de 900 a 1000 índios.

A depopulação pelo escravagismo tem inícios antes da ação missionária através da *encomienda* e da Mita, assim como da venda de mulheres e crianças com a anuência às vezes dos próprios índios, ou *rancheadas*, quando as mulheres eram aliciadas e seus homens mortos. Não se registra, no entanto, qualquer tipo de informação para rituais de enterramento.

Como decorrência das guerras tem-se também a prática do canibalismo após

o sacrifício dos presos. (Ver op.cit.:76) Os próprios feiticeiros, os pajés, ordenavam a morte de alguns índios de seu povoado ou vizinhos para comerem-nos. O canibalismo é fortemente ressaltado por Ruiz de Montoya e tem a comprovação arqueológica no sítio Candelária I, Rio Pardo, escavado pelo Museu do Colégio Mauá, Sta. Cruz do Sul, com a interpretação técnico-científica de Schmitz.

A vingança também soma no contexto de mortes por lutas sem distinção de *status* com vários exemplos. (Ver op.cit.:126, 171, 138, 180)

Morte por castigos vários — Podem ser resultantes de negativas provocadas pela quebra de princípios éticos. É o caso de um índio que desobedece à ordem de casar em determinada situação de negócio. Sua negativa foi paga com a morte por garrote. O corpo, dividido em pedaços, foi comido em banquete, conforme ritual da tribo.

Antecedentes da morte e preparo do corpo — Neste aspecto pudemos apenas destacar, entre os índios missionados, o conforto da extrema-unção para um cacique ferido mortalmente com um tiro de arcabuz. Também, entre os índios cristianizados lembramos as palavras de conversão proferidas pelo cacique aos companheiros, antes de expirar.

Cerimônias do velório e do enterramento — Não existem informações claras para o velório; podemos lembrar o termo *Guahu*, que identifica os cantos fúnebres e bebedeiras rituais. (Ver op.cit.:44)

O enterramento entre os Guarani pareceria ligado à hierarquia. Mesmo não sendo cacique, o morto era enterrado e seu corpo coberto com terra. Se fosse cacique, sobre a sepultura faziam uma casinha e “uma pracinha grande muito bem varrida ao redor”.

Todos os mortos do grupo eram enterrados em cemitério próximo à aldeia. A forma de enterramento mais comum consistia em colocar o cadáver, ou os ossos descarnados, numa grande vasilha de barro, fora de uso doméstico e coberta por outra menor. Segundo os Guarani, a alma acompanhava o corpo, ficando no espaço entre o cadáver e a tampa. Acompanhavam o morto pequenas tigelas com alimentos e bebidas. Fontes antigas registram o enterramento na própria casa para privarem de sua companhia. Enterravam-no com a rede sem as extremidades. Evitavam assim que, pela conservação da rede, pudessem morrer outros indivíduos. (Documentos IV:122-123) Isto nos permite pensar no ritual de velório como entre os kaingáng.

Outro aspecto curioso, no enterramento da mulher que estivesse amamentando, era a preservação da criança. Para isso, uma mulher velha do grupo com uma peneira pequena, fazia, junto ao túmulo, alguns movimentos para retirar a alma da mãe. Assim o filho ficava livre da morte, contando com a ajuda espiritual materna.

As formas de enterramento para os Guarani podem ser melhor explicitadas pela arqueologia com os vários cemitérios escavados, no litoral catarinense, ou na Redução de Jesus Maria escavada por Mentz Ribeiro, CEPA, Santa Cruz do Sul.

O luto e os rituais respectivos — São expressos por formas bastante rigorosas. A mulher, pela morte do marido, se infligia grandes penas, chegando a ficar aleijada por se jogar de grande altura, ou perfurava as carnes do corpo com hastes ponteagudas.

Outra forma de manifestar o luto pela morte de alguém era expresso às visitas

que recebiam. Ao visitante, sentado ao lado do dono da casa, eram apresentadas as mulheres. De imediato levantavam grande alarido e em choro contavam as mortes ocorridas no grupo ou na aldeia. Enquanto isso, os homens cobrindo o rosto com as mãos, manifestavam sua tristeza, acompanhando em coro o pranto das mulheres. Acompanhavam também em voz baixa as canções, lamentos e elegias feitas por elas num pranto que aumentava em proporção à importância da pessoa lembrada.

Sabe-se também que, pela morte de alguém da aldeia, os moradores da casa enlutada, por dois dias não comiam carne e não iam ao rio. As mulheres choravam aos gritos, dando-se golpes bastantes cruéis.

Como referencial de luto em função da hierarquia podemos lembrar o “culto aos ossos” de algum importante xamã. O culto se realizava em ranchos feitos de palha para esse fim, onde os ossos enfeitados eram guardados em redes também enfeitadas, às vezes com penas coloridas. (Ver op.cit.:47 ss e Documentos V:33-123)

A prática da exumação e o enterramento secundário — Não estão claros entre os guarani. O enterramento parece ter sido a forma mais comum em toda a região por eles ocupada. O culto aos ossos, antes referido, poderia lembrar uma forma de exumação, assim como também o enterramento do cadáver ou dos ossos descarnados. (Documentos V:35, Op. cit.:137)

Reajustes depois da morte — Não aparece de forma material entre os Guarani. Poderíamos pensar num reajuste pós morte em razão do exposto linhas antes como a preservação de crianças que perdem a mãe ainda em período de lactância.

Palavras finais

Tratando-se de três grupos com características culturais distintas, são inegáveis as diferenças em especial o enterramento e ritos funerários, nas populações pré-históricas do Estado, Kaingáng, Charrua Minuano, Guarani.

Quer nos parecer que entre os Kaingáng a morte, em razão da estrutura sócio-política, tem uma implicação maior que nos demais grupos. Ela rege os destinos desse grupo coletor-caçador e pequeno horticultor. É nos rituais de culto aos mortos que se define a população das metades do grande grupo, assim como a chefia, de cunho hereditário na linha de primogenitura masculina.

Entre os Charrua Minuano, grandes caçadores-pescadores dos campos, a morte, com as características apresentadas, está mais voltada ao aspecto de sobrevivência, em razão da conquista luso-espanhola. A morte é mais uma prova de sua virilidade sustentada nos 300 anos de lutas com grandes perdas e mudanças estruturais.

Para os Guarani, portadores inegáveis de grande religiosidade, a morte e todo o seu aparato está mais ligado à crença na imortalidade da alma ainda que os outros grupos também cressem na vida além-túmulo.

Temos que reconhecer, no entanto, serem poucas as informações que permitam maior aprofundamento do tema. Não deixamos, porém, de reconhecer nossa satisfação em poder, com esses dados, estabelecer as diferenças feitas, ainda que não todas tivessem um funcionamento integral para o esquema proposto. O certo é que as formas de enteramento e os ritos funerários, entre as populações indígenas do Rio Grande do Sul, são aspectos de grande importância como em outros grupos de culturas aproximadas. Elas se entrosam perfeitamente nas colocações gerais introdutórias como no desenrolar do estudo.

ABSTRACT: *Burial forms and funeral rituals among prehistoric populations* — Burial forms and funeral rituals among prehistoric populations in Rio Grande do Sul aims to show some aspects that come from the notion of religion and/or belief among them.

Based on archaeological and ethnohistorical approaches, we assume that those aspects are very distincts between Kaingáng, Charrua, Minuano and Guarani. The differences are related with a proper concept of death, either caused by natural phenomena, intertribal wars, contact wars, epidemic disease or others drawbacks resulting of the continual friction over the XVI to XIV and/or XX Century. We will emphasize mourning and its rituals, in relation to the status of individuals.

BIBLIOGRAFIA

- BASILE BECKER, Ítala Irene. O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* nº 29. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1976.
- _____. El Índio y la Colonización — Charrúas y Minuanes. *Pesquisas, Antropologia* nº 37. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1984.
- _____. Lideranças indígenas no começo das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguay. *Pesquisas, Antropologia* nº 47. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1992.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio & BASILE BECKER, Ítala Irene e outros. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 05. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1991.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio e outros. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 04. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1990.